

DAQUI E DALI SE CONSTROEM AS MULHERES: RELAÇÕES DE GÊNERO, PEDAGOGIA E MÍDIA

Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em História/FH da UFG
Bolsista Pós-Doc em Antropologia na UFG pela FAPEG/CAPES/UNB
Coordenadora do GT Regional de Gênero da ANPUH-Goiás
Coordenadora do GEPEG/CNPq FH-UFG
Email: anacarolinaufg@gmail.com

Esdra Basílio

Bibliotecária Documentalista coordenadora na Regional Goiás/UFG
Mestra em História FH/PUC
Especialista em História Cultural FH/UFG
Email: Basilio.esdra@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre as relações entre mídia e pedagogia das relações de gênero a partir das imagens veiculadas de mulheres no Jornal Daqui – jornal do estado de Goiás. As imagens do corpo feminino divulgadas nas seções ‘Artista lá de Casa’ e ‘Gente Famosa’, analisados entre 2007 e 2013, reiteram/dialogam/constroem uma representação das mulheres dentro de determinados parâmetros sobre idade/aparência, tornando o Jornal Daqui um produto participe do processo pedagógico sobre comportamentos e que contribui diretamente para reafirmar práticas culturais hegemônicas.

Palavras-chave: Jornal Daqui; relações de gênero; pedagogia.

ABSTRACT

This article seeks to reflect about the relationships between media and gender relations pedagogy from the images of women published by Jornal Daqui - a Goiás newspaper. The female body images published in the newspaper columns "The artist from my home" and "Famous People", analyzed from 2007 to 2013, reiterate/ dialogue/ construct a women representation inside a certain age/ appearance parameters, making "Jornal Daqui" to become a participant product in the pedagogical process about behaviors, which contributes directly to reaffirm hegemonic cultural practices.

Key-words: Jornal Daqui; gender relations; pedagogy

O presente artigo busca problematizar as imagens de mulheres no Jornal Daqui¹ elegendo a mídia impressa como um local de produção pedagógica de conhecimento acerca das representações sobre as mulheres e seus corpos. Dessa maneira, intencionamos refletir a respeito dos marcadores que caracterizam as imagens selecionadas e veiculadas neste jornal local de Goiás relacionando essas escolhas com uma construção social aprendida sobre mulheres, beleza e seus corpos.

O recorte proposto foi a análise de imagens veiculadas pelo Jornal Daqui, cujas fontes estão alocadas no Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara, das edições do Dia Internacional da Mulher e do Dia das Mães entre 2007 e 2013. Entendemos que são datas simbólicas para nossa sociedade onde poderia haver algum destaque relacionado a figura feminina nas edições desses dias e nas respectivas seções.

O interesse nesta pesquisa surge do engajamento com o movimento feminista. Este movimento, em linhas gerais, surge da imperativa necessidade de luta contra a desigualdade solapante estabelecida entre os sexos. É uma de tensão constante que se coloca na aquisição de força e conquista de espaço político. É uma questão de empoderamento. A palavra é essa: empoderar. Empoderar as mulheres.

Muitas e muitos aqui podem pensar que esse é um movimento desnecessário e até mesmo vulgar nos dias contemporâneos, mas eu afirmo que ele foi e é historicamente algo extremamente necessário e fundamental, uma vez que vivemos em uma sociedade historicamente patriarcal, homofóbica e profundamente preconceituosa. Se não incorporarmos **urgentemente** em nossas perspectivas de análise instrumentais teóricos que levem em consideração a maneira em que a nossa sociedade pensa as diferenças biológicas de sexo e as traduz em papéis, comportamentos e expectativas de conduta sociais estamos fadadas/os a viver e reproduzir os mesmos discursos de intolerância, racismo e exclusão vivenciados por homens e mulheres em nosso passado.

O feminismo empodera mulheres, pois elas se fazem visíveis através dele. E historicamente fazer visível aquilo que antes não tinha poder, incomoda o status quo de um sistema. É preciso tomar a força esse espaço de fala e isso sempre traz resistências.

¹ O Jornal Daqui é produzido pela Organização Jaime Câmara (OJC) foi criado em 2007. Circula em todo estado de Goiás. Possui 24 páginas fixas em todas as edições, é produzido de segunda a sábado. *Fato e Versões, Coxim: MS, v. 09, n. 16, PP 56-67. Set-Dez 2016*

Falar de mulheres na História? Para quê? Se falarmos dos Homens, elas automaticamente já estarão contempladas!

As colocá-las como protagonistas de sua própria narrativa surgem histórias na esfera pública e privada e temáticas tais como: política, economia, mercado de trabalho, maternidade, família, lar, rebeldia, trabalho, aborto, sexualidade, medo, amor, morte e questões da chamada “condição feminina”. Na incorporação das questões da nova história social e cultural emerge a possibilidade da articulação das mulheres como sujeitos da História. O conceito de gênero, de certa forma, as reintegra ao passado permitindo que os vestígios de suas histórias, lutas, emoções e vidas sejam incorporadas as narrativas historiográficas.

Da mesma forma, hoje se luta na Educação Brasileira visando assegurar um ensino que discuta as questões de gênero na escola e no cotidiano. É uma questão central do feminismo pautada por uma série de resistências e tensões. O que está em jogo em essência é o poder sobre os corpos, o sexo e a regulação social do feminino e do masculino. O lugar social dos gêneros assegura a ordem social e as forças de poder em uma sociedade. Historicamente isso demarca o jogo dos espaços, as atuações, as falas e as ocupações na sociedade.

Os estudos de gênero enquanto um profícuo campo de análise e produção de conhecimento científico – que por ser um lugar de produção de saberes e ideias nem sempre produz falas consonantes a respeito de métodos, conceitos e resultados, mas que é profundamente compromissada com uma vasta produção acadêmica, literária e científica em suas pesquisas com um diálogo social que promova respostas fundamentais e inadiáveis – apontam contemporaneamente um Brasil produtor de violência de gênero, homofobia, racismo e intolerância.

Os discursos visuais propagados pelo jornal influenciam diretamente na dinâmica das relações sociais de gênero cotidianas, ensinando/dialogando/reforçando/construindo imagens sobre como uma mulher deve ser e se comportar para alcançar felicidade e sucesso. Compreendendo o processo pedagógico da lógica das relações de gênero em uma perspectiva ampliada, os locais de aprendizagem transpassam as salas de aula e se permeiam nas práticas cotidianas. Os

jornais são, portanto, locais pedagógicos não institucionais sobre as condutas, ações e formas de viver em sociedade.

Ao analisar as edições selecionadas da seção Gente Famosa² e o Artista lá de Casa³, nos deparamos com representações distintas com diferentes tipos de mulheres nas mesmas edições. Nesse sentido, a fonte se apresenta como uma tecnologia de gênero, tal como entendido por Tereza de Lauretis:

Gênero como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (LAURETIS, 1994, p. 208).

As imagens propagadas pelo Jornal Daqui, portanto, dialogam no comportamento aprendido das mulheres consumidoras dessa mídia em relação ao seu próprio corpo natural – entendido aqui como biológico – que constantemente ‘precisará’ de retoques, seja por meio de um dos seguintes elementos ou a combinação deles: intervenções cirúrgicas, exercícios físicos intermináveis ou dietas restritivas. Desse modo, esses modelos estabelecem discursos de como o corpo feminino deve existir socialmente:

Definir a submissão imposta às mulheres como violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação que é uma relação histórica, culturalmente e linguisticamente construída é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal (SOIHET, 2008.p.198).

Compreendemos que as representações da mulher com um corpo belo e “sempre em boa forma”, como as evidenciadas no Jornal Daqui, compõem o cenário da mídia brasileira que em grande medida não representa a grande maioria mulheres da

² A seção 'Gente Famosa' ocupa duas páginas do jornal onde são expostas informações sobre famosos, trazendo notícias variadas como a de um novo trabalho de um artista ao casamento de um ator. Nesta seção as celebridades são veiculadas a imagens de artistas da televisão, músicos, apresentadores.

³ A seção Artista lá de Casa é configurada por fotos de pessoas que não possuem destaque na mídia o intuito e homenageá-las. A seção ocupa meia página do jornal. As fotos são selecionadas pela redação do jornal a partir de critérios não divulgados. A pessoa envia por meio do correio uma carta contendo a foto e a mensagem que acompanhara a foto na coluna.

sociedade. O corpo das mulheres exposto na seção Gente Famosa é um corpo imitado/desejado/forjado e pedagogicamente estimulado para consumo.

Swain (2000) considera que o corpo é, para as mulheres, a linha de sua existência social, na qual a superexposição do corpo feminino nos meios de comunicação propicia ‘neuroses’ em relação à própria aparência física. (Swain, 2006, p. 11) retoma o pensamento de Lauretis (1994) ao afirmar que “as tecnologias de gênero têm assim uma dupla face, externa e interna de si mesma, que trabalha na produção do sujeito feminino em quadros de valores para os quais é criada uma referência”

Partimos da hipótese que tais representações reafirmam de certo modo, esse lugar persistentemente interdito, silenciado, que por excelência foi destinado às mulheres ao longo da história.

Analisando os critérios definidos pela linha editorial para decidir sobre a escolha das imagens nas páginas do jornal na seção Gente Famosa e na seção Artista lá de Casa, percebemos alguns elementos-chave de sua construção.

O primeiro ponto evidenciado é a faixa etária predominante que são pessoas jovens tanto na seção Gente Famosa como na Artista lá de Casa. A socióloga Mirian Goldenberg (2005), em seu artigo Gênero e Corpo na cultura brasileira demonstra que as representações de homens e mulheres nos meios de comunicação é pautado pela juventude e reverbera diretamente nos comportamentos e na interpretação do que é considerado belo ou feio na sociedade. A autora pontua: “[...] há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade” (GOLDENBERG, 2005, p. 05). A juventude, portanto, dentro das páginas do Jornal Daqui, é um pré-requisito indispensável para o sucesso pessoal.

No quesito cor da pele é discrepante a representatividade das pessoas ditas “brancas” nas respectivas seções. Em nosso recorte analítico, na seção Gente Famosa, não figura nenhuma mulher com a cor da pele negra. Essa constatação evidencia o velamento que os meios de comunicação, neste caso o Jornal Daqui promove: uma representatividade celetista e excludente na qual apenas pessoas de pele em tons alvos predominantemente figuram nas duas seções do jornal. Essa constatação é no mínimo alarmante.

Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da imitação prestigiosa: os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem-sucedidos. (GOLDENBERG, 2005, p.5).

Na edição do dia oito de março de 2013, na capa é destacada uma manchete em referência ao Dia internacional da Mulher, em um quadrado rosa, com a foto de uma mulher na arquibancada do estádio Serra Dourada. Isabella Maia é a gerente do Serra Dourada, na página quatro lê-se a reportagem feita com a moça. Ao lado do selo promocional aparece a foto da modelo Núbia Oliver (figura 1).

12 JORNAL DAQUI SEXTA-FEIRA, 8 de março de 2013

GENTE FAMOSA



Cheiro de Amor finaliza CD
O grupo Cheiro de Amor conta os dias para o lançamento de seu novo álbum de inéditas. Já finalizado, o projeto conta com 13 faixas inéditas e três participações especiais.



Núbia Óliver vai lançar roupas para sedentárias
Não foi à toa que a modelo Núbia Óliver posou com a barriguinha à mostra no cruzeiro *É o amor*, de Zezé Di Camargo e Luciano. A imagem, aliás, gerou discussões e críticas à plástica que ela fez no local. Após lutar contra a síndrome do pânico que a deixou longe dos holofotes por um ano, ela quer voltar a bombear sua imagem. Até maio, ela vai lançar uma linha de lingerie e roupas de ginástica para mulheres sedentárias, acima do peso. Núbia diz que não quer emagrecer. Sua intenção é ter saúde, avisa.

Resistência define novo líder do 'BBB'
O novo líder do *Big Brother Brasil 13* será definido por uma prova de resistência, que iniciou na noite de ontem. Para tentar ser o mais novo líder da casa, os participantes têm de caminhar em círculo desviando de obstáculos e, ao sinal de uma sirene, tocar desodorante spray gigante em no máximo dez segundos, e voltar para seu lugar de origem. Durante a prova, o participante fica dentro de sua fália sem poder se apoiar nas barras ou cair, sob pena de eliminação. Só não participam a paranaense e ex-líder da semana Kamilla e a paranaense Andressa.

Emílio Santiago é internado no Rio de Janeiro
O cantor Emílio Santiago foi internado na manhã de ontem, com quadro de acidente vascular cerebral no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro. Segundo Eulália Figueiredo, assessora do intérprete, ele foi atendido rapidamente e segue bem aos cuidados médicos. Não há previsão de alta. Pela manhã, o cantor foi encontrado desmaiado em casa pela empregada e encaminhado ao hospital pelos Bombeiros. O quadro de AVC se confirmou. O intérprete é vencedor de diversos festivais de música. Ele iniciou a carreira na década de 70 e gravou grandes sucessos como *Saggon*, *Lembra de Mim* e *Verdade Chinesa*. O último CD e DVD de Emílio foi *Só Danço Samba Ao Vivo*, lançado em 2012.

(Jornal Daqui, figura 1. Seção Gente Famosa, oito de março de 2013)

No corpo do jornal, na seção Gente Famosa, é exposta uma foto da modelo no meio da página, em destaque. Na foto o cenário é um navio, a modelo possui a cor da pele branca, está se apoiando com as mãos e os joelhos no chão. Veste um biquíni preto, possui cabelos compridos e lisos na cor preta, usa brincos de argola grandes. A maquiagem é leve. Ao lado da foto vem uma nota informando que Núbia vai lançar roupas para mulheres sedentárias, uma linha de lingerie e roupas de ginástica para mulheres acima do peso, ainda na reportagem é exposta informações sobre a vida pessoal da modelo, como, por exemplo, que ela teve síndrome do pânico e por conta da doença ficou afastada dos holofotes por um ano, é frisado que a modelo quer a

aparecer na mídia. Ainda é dito que a modelo posou com a barriga à mostra no cruzeiro “É o amor”, de Zezé Di Camargo e Luciano. No entanto, a imagem gerou discussão, pois ela realizou uma plástica recentemente na barriga. Goldenberg salienta que:

[...] ser magra contribui para esta concepção de ser mulher. Sob o olhar dos outros, as mulheres se vêem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar.(GOLDENBERG, 2005, p.12)

Na capa do jornal é dito que a celebridade realizou uma plástica na barriga visando obter saúde, ou seja, um discurso vazio, pois a modelo já estava bem magra, não havendo necessidade de diminuir a barriga, a exacerbação da vaidade é bem clara no exemplo da modelo Núbia Oliver.

Na edição do dia doze de maio de 2013, a capa do JD estampa manchetes que, em especial, chama a atenção por se tratar do Dia das Mães. Verificamos se havia alguma menção em relação à data, mas não foi encontrada. No entanto na capa, figuram duas notícias importantes sobre a violência contra a mulher. Em letras grandes é anunciado: “Homem atira na ex-mulher e se suicida. Ela escapa”. Em baixo aparece uma nota pequena anunciando: “Menina escreve carta para denunciar o pai”.

Logo abaixo, ainda na capa, lê-se a notícia que acontece em Goiânia sobre um concurso para eleger o corpo mais belo. É exposta fotos das candidatas do concurso, todas de biquíni. Ao lado do selo promocional vem a foto da celebridade do dia, a baiana Anamara (figura 2), participante de duas edições do BBB. É informado que a modelo fez tantas exigências para posar na Revista Playboy que a revista perdeu o interesse, ainda é frisado que a modelo vai ter que se contentar com os R\$ 50 mil que a revista Sexy vai pagar a ela pelo ensaio.

Na seção Gente Famosa vem uma foto grande da modelo, o cenário é um chão com grama. Anamara está deitada, tem a cor da pele branca, cabelos compridos com mechas loiras, usa maquiagem discreta, os acessórios são pulseiras na cor cobre no braço esquerdo, na mão direita usa um anel, também usa brincos grandes na cor cobre. Está trajando um biquíni na cor laranja, a parte de baixo é florida. É informado que

Anamara fez muitas exigências quanto ao valor que gostaria de receber, por conta disso a revista perdeu o interesse na beleza. Então, Anamara posou para a revista Sexy, o cenário do ensaio foi a cidade de Paraty, no Rio de Janeiro.



(Jornal Daqui, figura 2 - Seção Gente Famosa, onze de maio de 2013)

Na seção Artista Lá de Casa da edição dia oito de março de 2013, aparecem seis fotos, todas de mulheres que estão sendo homenageadas pelo Dia internacional da mulher (figura 3). Na primeira foto figura uma mulher que se chama Cleide, ela possui a cor da pele branca, têm os cabelos lisos na cor loira, usa maquiagem e brincos grandes, não está sorrindo. Ela é parabenizada por dois motivos, por seu aniversário e também pelo dia da mulher, quem enviou a mensagem junto à foto para o JD foram seus filhos e amigos.

Embaixo vem a foto de uma família, a mulher, o marido e o filho, os três possuem a cor da pele branca, eles estão sorrindo na foto, ela usa maquiagem, eis a mensagem: “Neste Dia da Mulher, quero, juntamente com o meu filho Daniel, homenagear a minha mulher Graciela. Ela é muito dedicada e nos dá muita alegria.” A mensagem é assinada pelo filho e pelo marido.

Ainda na seção ao lado vem uma foto onde estão sete mulheres, todas tem a cor da pele branca e estão sorrindo. Quem enviou a mensagem foi uma colega do trabalho delas, na mensagem é dito: “Estas são as minhas colegas de trabalho, que eu admiro muito. Quero parabenizá-las pelo seu dia! Parabéns a todas!”.

Ao lado vem a foto somente do rosto de uma mulher, ela está com o semblante sério, tem a cor da pele morena clara, cabelos lisos e pretos, usa brincos grandes. Na mensagem que acompanha a foto ela é parabenizada pelo seu aniversário, quem enviou a mensagem foi sua mãe.

Logo a seguir, há outra uma foto em tamanho pequeno de uma mulher, ela está sorrindo, tem a cor da pele branca, cabelos pretos e lisos, ela está sendo felicitada pelo seu aniversário, quem enviou a mensagem foi sua família. Em sequencia percebemos a foto de três mulheres. Todas estão sorrindo, possuem a cor da pele branca, cabelos pretos e curtos, trajam camiseta na cor branca e estão sendo parabenizadas pelo dia da mulher. As mensagens foram, de acordo com o Jornal, enviadas pelos seus respectivos filhos, família e amigos.



(Jornal Daqui, figura 3. Seção Artista Lá de Casa, oito de março de 2013)



(Jornal Daqui, figura 4. Seção Artista Lá de Casa, dez de maio de 2013)

Os jornais e as mídias revelam uma edificação das expectativas sobre os comportamentos de gêneros e devido a sua alta capacidade de divulgação em massa, estabelece uma relação de propagação de condutas e imagens que devem ser aprendidas e praticadas pelas mulheres em seu cotidiano. Eles são, portanto, potentes agentes pedagógicos no exercício diário de moldar e construir os conceitos sobre “ser mulher” e “ser homem” e suas ações esperadas em sociedade.

Se os jornais que as mulheres e os homens lêem ensinam que é preciso ter uma determinada beleza, ser sempre jovem, magra e constantemente se manter lutando com o seu corpo para molda-lo dos cabelos aos dedos dos pés dentro de determinados padrões, a representatividade criada e reproduzida aponta para uma construção social do corpo que atende a determinadas lógicas de existir para as mulheres.

A despeito dos esforços e políticas feministas, ainda é muito intensa a noção de que uma mulher tem seu valor medido pela sua aparência. Isso reforça a desigualdade social entre homens e mulheres e justifica o discurso de aceitação da inferioridade feminina, na qual ela promove sua vida a partir de seu corpo e não de seus talentos e habilidades intelectuais.

Com isso, essa "pedagogia imagética" reiteradamente ensina como ser bem-sucedida e feliz, mas é preciso considerar a violência intrínseca ao jogo do simbólico

mediático nas relações de gênero. O reforço de imagens e papéis serve a determinados discursos sobre os gêneros que não estão interessados na promoção de uma sociedade mais igualitária, justa e com oportunidades para homens e mulheres.

Referências

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio De Janeiro. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022005006> Acesso: 06 de março de 2017.

LAURETIS, Teresa de A. Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.207-242.

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou "A hora e a vez do nomadismo identitário?". *Texto História*, Brasília, n.1/2, p.47-84, 2000.

SOIHET, Rachel. Mulheres investigando contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? *Estudos de Sociologia, Araraquara*, v.13, n.24, p.191-207, 2008.